



ASPECTOS DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Aspects of technological Revolution in post modern Society

Jonathan Junges¹, Adair Adams², Eduardo Balestieri Pretto³, Tiago Anderson Brutti⁴

Resumo: Esta pesquisa busca refletir sobre os impactos das novas tecnologias na construção das relações que constituem o ser e o fazer na prática social. O propósito deste trabalho é pensar as circunstâncias e os desafios da sociedade condicionados pela revolução das novas tecnologias na organização do mundo, sob a pressuposição da linguagem, tendo como horizonte político o sentido da convivialidade de um mundo comum. As tecnologias de comunicação têm suscitado mudanças de costume, ampliado e acelerado as relações intersubjetivas no cenário sociocultural da pós-modernidade. A informática, a partir do desenvolvimento de computadores e programas, abriu um novo horizonte ao espaço de comunicação digital. São, neste sentido, espaços de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores, espaços que constituíram uma realidade multidirecional na qual alguns aspectos merecem ser considerados.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Tecnologia. Comunicação. Informática.

Abstract: This research seeks to reflect on the impacts of new technologies on the construction of relationships that constitute being and doing in social practice. The purpose of this paper is to think about the circumstances and challenges of society conditioned by the revolution of new technologies in the organization of the world, under the presupposition of language, having as a political horizon the sense of conviviality of a common world. Communication technologies have led to changes in custom, broadening and accelerating intersubjective relations in the sociocultural scenario of postmodernity. Computer science, from the development of computers and programs, opened a new horizon to the digital communication space. In this sense, they are spaces of communication opened by the worldwide interconnection of computers, spaces that constituted a multidirectional reality in which some aspects deserve to be considered.

Keywords: Postmodernity. Technology. Communication. Computing.

¹ Bolsista do PIBIC/CNPq/Unicruz “Circunstâncias e repercussões da perspectiva da pós-modernidade nas dimensões da tecnologia, da cibercultura e do ciberespaço”. Licenciado em Filosofia pela UFSM. Discente do curso de Direito, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: jonathanjunges@yahoo.com.br

² Pós-doutorado pela UNICRUZ/RS. Doutor em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Mestre em Filosofia pela PUCRS. Especialização em Teologia na área de Metodologia da Pesquisa pela URI/IMT - Santo Ângelo. Graduado em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Licenciado em Pedagogia - UNINTER. Atualmente, professor EBTT no IFRS - Campus Vacaria. E-mail: adairadas@gamil.com

³ Bolsista PIBIC/CNPq/Unicruz. Discente do ensino médio na Escola Estadual Margarida Pardelhas, em Cruz Alta. E-mail: eduardopretto90@gmail.com

⁴ Doutor em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professor no Curso de Direito e no PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Unicruz. Coordenador do PIBIC/CNPq “Circunstâncias e repercussões da perspectiva da pós-modernidade nas dimensões da tecnologia, da cibercultura e do ciberespaço”. E-mail: tbrutti@unicruz.edu.br



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS OU INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca refletir sobre os impactos das novas tecnologias na construção das relações que constituem o ser e o fazer na prática social. O propósito deste trabalho é pensar as circunstâncias e os desafios da sociedade condicionados pela revolução das novas tecnologias na organização do mundo, sob a pressuposição da linguagem, tendo como horizonte político o sentido da convivialidade de um mundo comum.

As tecnologias de comunicação têm suscitado mudanças de costume, ampliado e acelerado as relações intersubjetivas no cenário sociocultural da pós-modernidade. A informática compreendida como computadores e programas, abriu um novo horizonte ao espaço de comunicação digital. São, neste sentido, espaços de comunicação aberto pela interconexão mundial em rede, o que sem sombra de dúvidas constituíram uma realidade multidirecional no qual alguns aspectos merecem ser considerados.

A linguagem é a condição na qual se alicerça a base do conhecimento humano, não se pode falar em conhecimento sem antes ter a possibilidade de se comunicar e transmitir uma informação para outro sujeito. Deste modo, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação se operou novas formas de comunicação e de transmissão de informação, repercutindo, assim nas formas de vida e das relações entre as pessoas. Se destaca neste trabalho, aspectos culturais, políticos, científicos e sociais que de alguma forma foram impactados com a revolução tecnológica do século XX.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS OU MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia abordada nesta pesquisa é bibliográfica. Ao selecionar uma coleção de referência essenciais para a produção dos resultados, se procura interpretar a dinamicidade da realidade dos objetos de estudos, dado as circunstâncias e implicações do tema escolhido.

Para Gadamer, o conhecimento histórico não deve pretender simplesmente explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral, senão que se utilizar de conhecimentos gerais para a compreender o fenômeno histórico em sua singularidade, em sua unicidade. O que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados, se desenvolvem em geral, mas, ao contrário, como este homem, este povo, este Estado, veio a ser o que é. Ou seja, como todas essas coisas puderam acontecer e encontrar-se aí.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na compreensão do mundo presente não é mais possível ignorar o que Wittgenstein, Heidegger (2008), Gadamer (1997) e Arendt (1997) apontam como “giro linguístico”, “círculo hermenêutico”, “jogos de linguagem” “mundo comum”, respectivamente, como terminantes, matrizes disciplinares do pensar filosófico. Desde as primeiras e mais simples regras hermenêuticas não se podem ignorar a historicidade e o “lugar” ou “contexto”, tanto do texto quanto do intérprete.

Heidegger se constitui em ponto de partida para a tradição hermenêutica e fundação do paradigma da linguagem. É em Heidegger que encontramos as primeiras elaborações filosóficas sobre a técnica e a situação do mundo que ela envolve. Como estabelecemos a linguagem e seus desdobramentos na interpretação e na compreensão como pressuposto mais geral da educação, a própria política, compreendida como horizonte da educação, também é pensada a partir da linguagem, conforme elabora Arendt.

Lèvy, é o autor que confrontamos a partir das perspectivas hermenêuticas arendtiana, argumentando que a situação de mundo dos que são movidos pela técnica e pela ciências é de descobrir objetos, manipulá-los e multiplica-los, “enquanto se multiplicam em mais ciências”, sendo ambas ficam “paralisadas diante do ser, que é intransponível e incontornável” (STEIN, 1997, p. 167). Stein Segue afirmando que isso “deve ser levado em consideração quando nos relacionamos com objetos, eventos, processos e pessoas. Enfim, nosso mundo não pode ser confirmado no deserto da subjetividade e da objetificação” (STEIN, 1997, p. 167).

A complexidade das sociedades atuais, as novas formas de tecnologia e das relações intersubjetivas, propicia uma análise sobre as possibilidades de enfrentamento dos desafios colocados pelas inovações espaço-temporais frente a esses novos artifícios da comunicação. A contemporaneidade impõe uma nova forma de vida em todas as instâncias, seja na maneira de comunicar, conviver e pensar. A cada tempo surgem novas tendências, paradigmas e teorias. Desse modo, merecem ser abordadas as novas configurações que a sociedade moderna se revela, pois muito mais do que mudanças, o que ocorreu efetivamente foi uma revolução⁵. Em

⁵ O termo se refere a filosofia de Thomas Kuhn. “A teoria da ciência de Kuhn foi desenvolvida subsequentemente como uma tentativa de fornecer uma teoria mais corrente com a situação histórica tal como ele a via. Uma característica-chave de sua teoria é a ênfase dada ao caráter revolucionário do progresso científico, em que uma revolução implica o abandono de uma estrutura teórica (paradigma) e sua substituição por outra, incompatível” (CHALMERS, 1993, p. 124).



outros termos, houve uma ruptura de paradigma⁶ entre formas de vida e suas relações no atual estágio da sociedade.

Para Castells (2017), a partir do final do século XX, vivemos em um raro momento histórico que é caracterizado por uma profunda transformação de nossa sociedade. Houve o surgimento de um novo paradigma tecnológico que substituiu a cultura material pela tecnologia da informação. As tecnologias de informação superam a ótica das ferramentas, que tradicionalmente são utilizadas por um usuário com um objetivo específico. Nesta configuração [...] “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa” (CASTELLS, 2017, p. 69). O autor compreende a tecnologia de informação como:

Ente as tecnologias de informação, incluo, como todos, o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluo nos domínios da tecnologia da informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações” (CASTELLS, 2017, p.67).

Com o desenvolvimento da informática, e da microeletrônica, principalmente na criação de CHIPS, ocorreu uma explosão e difusão da sociedade da informação, na qual passou a ser utilizada como forma de transmitir o conteúdo específico do novo paradigma técnico-econômico. A expressão se refere às transformações tecnológicas na microeletrônica e, também, nas telecomunicações que a partir da segunda metade do século XX tiveram papel protagonista nos processos de desenvolvimento tecnológico no mundo, alterando de forma significativa as formas de comunicação (LÈVY, 1999).

Lèvy, no intuito de tentar compreender um pouco sobre as mudanças ocorridas nos últimos tempos, descreve com nostalgia, por assim dizer, sobre as relações de mudanças que ocorreram entre o antigo o novo mundo, superadas agora pela ótica da tecnologia e das novas formas de comunicação, escreve:

Compreendo e compartilho a nostalgia dos mundos em que era suficiente seguir a via dos ancestrais para que tudo corresse bem. Mundos onde o nascimento, as grandes etapas da vida e da morte se repetiam de forma quase inalterada no turno das gerações. Esses mundos onde os papéis eram bem fixados e se podia ser um homem,

⁶ “O paradigma determina os padrões para o trabalho legítimo dentro da ciência que governa. Ele coordena e dirige a atividade [...] A existência de um paradigma capaz de sustentar uma tradição de ciência normal é a característica que distingue a ciência da não ciência, segundo Kuhn” (CHALMERS, p.126).



04 a 07 de nov.19



uma mulher, um genitor ou um filho, integrando-se a uma ordem cósmica que tudo sacralizava. Mundos onde se sabia o que era a infelicidade e a felicidade. Mundos onde cada ato da vida cotidiana era o minucioso cumprimento de um ritual. Mundo onde havia Deuses. Esses mundos belos e ordenados. Esses mundos onde todas as realidades, simples e profundas, integravam-se naturalmente a um cosmo vivo em toda parte. Esses mundos que não existem mais (LÉVY, 2001, p. 126).

Percebe-se que algumas características do mundo da vida na atual configuração da sociedade não são mais as mesmas. Se antes se tinha a sensação de segurança, ancoradas pelo enraizamento da ordem e do cosmos, se tinha *a priori* a “certeza” em relação ao destino das ações, e dos padrões que direcionam os critérios de uma vida, na sociedade moderna, por outro lado, isso não é mais possível. Outros sociólogos, porém, não compartilham do mesmo entusiasmo que Levy em relação as mudanças que ocorrem no interior da sociedade.

Bauman se refere à modernidade líquida como o mundo fluído e instável no qual ocorre uma constante implosão de valores e padrões. No passado vivenciamos a fase sólida da modernidade regida pela racionalidade técnica e fundamentada no fortalecimento do Estado e da ciência. No contexto da sociedade líquida, as instâncias modeladoras da vida humana, como as ideologia políticas, as demarcações de fronteiras, as prelações pessoais e comunitárias, deparam-se com o estado transitório, transnacional, flexível e mutante de um mundo globalizado, individualizado e consumista, que transmite uma sensação de abandono e insatisfação, marcado, como aponta Bauman (2007), pela incerteza, insegurança e falta de garantias e proteção.

Nesta esteira, Beck (2011) entende a sociedade contemporânea composta de riscos, pois vivemos em um mundo de incertezas, fabricadas pelas inovações tecnológicas e decorrentes de um mundo cada vez mais globalizado, que resultam em novos cenários de riscos globais, seja em razão a ampliação dos riscos ou da (in)certeza em relação ao futuro. Segundo ele, somos testemunhas oculares – sujeitos e objetos - de uma ruptura no interior da modernidade, no qual se deslocam os paradigmas sustentados pela tradição, principalmente no tocante aos contornos da sociedade industrial clássica, assumindo, dessa forma, nova configuração, do mesmo modo que ocorreu a passagem da sociedade feudal para a industrial. A diferença, porém, é que essa ruptura não representa o fim da sociedade moderna, mas sua reconfiguração.

As relações humanas sejam elas de níveis pessoais ou comerciais passaram a ser norteadas e mediadas por mecanismos tecnológicos, oportunistizados na internet por intermédio das redes sociais. As relações e sentimentos se caracterizaram atualmente como mercadorias



que podem ser adquiridas e descartadas a todo e qualquer tempo (BAUMAN, 2002). Mais ainda, as inovações tecnológicas, com a crescente utilização das redes sociais, são elementos de grande importância para a sociedade tecnológica, na medida em que podem efetivamente obter maior controle social e político. Essa implicação é importante, uma vez que a política se torna um instrumento da própria tecnologia, em outras palavras, a tecnologia atual superou a política (BAUMAN, 2014), modificando também a cultura da sociedade.

A cultura pode ser compreendida, segundo Santos (2009), como relacionada a todos os aspectos de uma realidade social. Neste sentido, compreende-se que a cultura é resultado da conjuntura social que se modifica no seu cotidiano. Assim, na atual configuração da sociedade contemporânea, os desdobramentos que a tecnologia, principalmente a informática e suas relações manifestaram na cultura hodierna, abriu novos horizontes para a compreensão do próprio sentido de cultura, surgindo por sua vez, um novo termo.

De acordo com Savazoni e Cohn (2009), o termo cibercultura surge a partir da fusão da palavra ciber, derivada de cibernética, e do termo cultura, que retrata um sistema de ideias e conhecimento de uma determinada sociedade. Desse modo, é o resultado da combinação da tecnologia junto à comunicação, que veio a caminhar lado a lado no advento da transformação tecnológica que resultou num novo meio de comunicação. Segundo os autores:

A cultura digital é a cultura do século XXI. É a nova compreensão de praticamente tudo. O fantástico da cultura digital é a que a tecnologia trouxe à tona mudanças concretas, reais e muitas práticas em relação a tudo que está acontecendo no mundo, mas também reflexões conceituais muito amplas sobre o que é a civilização e o que nós estamos fazendo aqui (SAVAZONI; COHN, 2009, p. 45).

Lemos e Lèvy (2010) entendem que a cibercultura se apoia em três tendências: a interconexão, a criação de comunidades e a inteligência coletiva. A interconexão é o processo que oportuniza as relações entre computadores, meios de comunicação, pessoas, grupos e instituições. Nessas questões, os níveis hierárquicos e culturais nem sempre funcionam como no contato pessoal.

Neste sentido, os computadores, sistemas de comunicação, programação, são todos, por assim dizer, “amplificadores da mente humana”. Assim, acarretam implicações decisivas nos contextos culturais/institucionais da ação social e humana, produzindo sua própria lógica, alterando, dessa forma, significativamente as formas de vida e de viver no mundo, como por exemplo, o nascimento, a morte, ou ainda, a maneira pelo qual se aprende. Esta nova lógica do sistema se caracteriza, sobretudo, “pela capacidade de transformar todas as informações em



um sistema comum de informação, processando-as em velocidade e capacidade cada vez maiores e com custos cada vez mais reduzido [...] (LÈVY, 2001, p. 69). Neste aspecto se destaca o modo pelo qual o mundo virtual opera, estabelecendo relações cada vez mais complexas e dinâmicas, em um espaço no qual muitos podem ter “acesso” ao mesmo tempo.

Para Lèvy (2009) não é apenas o computador com seus dispositivos que compõe o mundo virtual, o ciberespaço, ou a cibercultura, mas antes de tudo, algo que pode se conectar/comunicar de alguma forma a outro aparelho, ou tenha capacidade de transmitir informação, desde uma impressora, ou aparelhos celulares. Interessante destacar que no ambiente virtual, ou no ciberespaço é dispensada a presença física das pessoas, podendo ser representadas por uma imagem, um perfil, um ente virtual que manifesta/representa uma ideia, opinião, enfim, que tenha algo a dizer sobre o mundo.

A criação de comunidades virtuais são exemplos deste processo, sendo uma forma de os indivíduos explorarem outras possibilidades de comunicação e relações. Portanto, podem ser compreendidas como comunidades individuais, por relações personalizadas, uma vez que, de modo geral se estabelece relação com aqueles que mantém um diálogo próximo do entusiasmo do sujeito, nos quais elegem seus laços sociais por análises e categorizações em função das personalidades demonstradas nos perfis virtuais (RECUERO, 2004).

Neste sentido, para Bauman (2011), as redes sociais, em nossa época, representam o espaço em que é possível manifestar as opiniões, denunciar e requerer direitos a partir do sistema de comunicação em rede, do mesmo modo que ter acesso à informação, e suas considerações sobre determinadas demandas. Isso somente foi possível com crescimento da participação das pessoas e das ferramentas de comunicação em rede no ciberespaço. Por outro lado, segundo o sociólogo, com a facilidade de remover ou adicionar os participantes do debate do mundo virtual, as redes sociais podem dificultar o diálogo com os que pesam de modo distinto, o que representaria uma “armadilha”, pois de modo geral as pessoas poderiam se cercar somente dos perfis que convergem com sua opinião pessoal.

O computador muito mais do que uma ferramenta a ser utilizada com objetivo específico, possibilita aos usuários trocar, armazenar e interagir informação. Conectados a rede, essas tecnologias modificam as capacidades cognitivas dos próprios sujeitos, podendo ser considerado nas palavras de Levy um “instrumento de poder”. O desenvolvimento da memória através de bancos de dados, a inteligência artificial, as simulações de programas que tornam “real” os ambientes virtuais, as novas formas de percepção do mundo – imagens,



dados digitais - dão vantagem considerável aqueles que detêm e fazem o uso dessas tecnologias (LEVY, 2001, p. 29). Continua afirmando que: “estas tecnologias estruturam profundamente nosso uso das faculdades de percepção, de manipulação e de imaginação [...] As criações de novos modos de representação e de manipulação de informação marcam etapas importantes na aventura intelectual humana” (LÈVY, 1993, p. 160).

Neste sentido, o conhecimento por simulação, apesar de menos absoluto que o conhecimento teórico tradicional, é mais operatório, ligado às circunstâncias de seu uso, permite que o sujeito explore situações mais complexas, aumentando sua capacidade de imaginação e intuição. Atualmente os mecanismos digitais, contrariamente dos textos escritos que eram apenas lidos ou interpretados, admitem outras formas de comunicação. A interatividade do mundo digital proporciona situações de verdadeiras peripécias cognoscentes. Existem programas de simulação⁷ que permitem modelar situações e projeta-los em larga escala, um bom exemplo destes sistemas são os simuladores de voos que permite o sujeito a ter diversas experiências com determinadas circunstâncias sem a necessidade da experiência real. Neste sentido escreve o auto em relação a capacidade de simulação:

Nossa capacidade de simular mentalmente os movimentos e reações possíveis do mundo exterior nos permite antecipar as consequências de nossos atos. A imaginação é a condição da escolha ou da decisão deliberada. Tiramos proveito de nossas experiências passadas, usando-as para modificar nosso modelo mental do mundo que nos cerca. A capacidade de simular o ambiente e suas reações certamente desempenha um papel fundamental para todos os organismos capazes de aprender [...] O conhecimento por simulação e a interconexão em tempo real valorizam o momento oportuno, a situação, as circunstâncias relativas, por oposição ao sentido molar da história ou à verdade fora do tempo e espaço, que talvez fossem apenas efeitos da escrita (LÈVY, 1993, p 124-126).

Estes modelos de abordagem cognoscente alteram profundamente as formas de percepção de experiência humana em relação ao objeto de estudo. Para dar conta deste novo fenômeno, Lèvy aborda uma nova dimensão de compreender o conhecimento a partir da ecologia da cognição⁸. Seguramente uma resposta e uma tentativa de superar as explicações que tradicionalmente eram o bojo da filosofia clássica, especialmente a racionalista.

⁷ “O termo simulação conota hoje esta dimensão interativa, tanto quanto a imitação ou a farsa” (LÈVY, 1993, p. 121).

⁸ De acordo com Lèvy, é “o meio ecológico no qual as representações se propagam é composto por dois grandes conjuntos: as mentes humanas e as redes técnicas de armazenamento, de transformação e de transmissão das representações. A aparição de tecnologias intelectuais como a escrita e a informática transforma o meio no qual se propagam as representações” (LÈVY, 1993, p. 138).



No âmbito da epistemologia⁹, continua o autor, estudos demonstram que com o avanço da psicologia cognitiva e suas novas tecnologias, acabaram por desmitificar uma ideia muito segura na tradição filosófica. No âmbito da teoria do conhecimento, a relação entre o sujeito e o objeto, a partir de uma perspectiva racionalista, era tema comum na filosofia clássica. Esta ideia, porém, com o surgimento da psicologia, com o desenvolvimento da hermenêutica, e por fim com a ideia da ecologia da cognição iniciou-se um processo de desconstrução do princípio da racionalidade humana e por consequência de critérios seguros e evidentes, que estabeleceriam os princípios de um conhecimento verdadeiro. Sobre esta mudança de configuração escreve o autor:

A abordagem ecológica da cognição permite que alguns temas clássicos da filosofia ou antropologia sejam renovados, sobretudo o que tema da razão. Diversos trabalhos desenvolvidos em psicologia cognitiva a partir dos anos sessenta mostraram que a dedução ou a indução formais estão longe de serem praticadas espontaneamente e corretamente por sujeitos reduzidos apenas aos recursos de seus sistemas nervosos. É possível que não exista nenhuma faculdade particular do espírito humano que possamos identificar como sendo a “razão”. [...] A razão não seria um atributo essencial e imutável da alma humana, mas sim um efeito ecológico, que repousa sobre o uso de tecnologias intelectuais variáveis no espaço e historicamente datadas. (LÈVY, 1993, p. 152).

Por esta perspectiva a racionalidade, deixa de ser uma faculdade naturalmente humana, essencial, imutável, que representaria o próprio ser, na capacidade construir o mundo, mas seria o efeito ecológico do uso das próprias capacidades cognitivas, variadas no espaço e no tempo historicamente constituído. Desse modo, “desde seu nascimento, o pequeno humano pensante se constitui através de línguas, de máquinas, de sistemas de representação que irão estruturar sua experiência” (LÈVY, 1993, p. 161). Apesar de todas as considerações que se possa fazer é inegável o século proporcionou a humanidade profundas transformações científicas, tecnológicas e humanas.

Levy (1996) considera que no mundo em que vivemos nunca foram tão significantes as mudanças ocorridas no tocante as técnicas, as ciências, e os costumes. O mundo se torna um complexo do vir a ser, cada vez mais virtual. Esta circunstância não pode ser considerada, a priori, nem boa, nem má. Ela se apresenta como a própria mutação do mundo que está em curso, sempre no intuito de modificar e “atualizar” o estático, historicamente constituído. Considerando a relação ente o virtual e o real compreende o autor que:

⁹ Disciplina da filosofia que se preocupa com as questões ligadas a ciência e a teoria do conhecimento, principalmente no tocante a natureza, a forma e as possibilidades.



Contrariamente ao possível (possível não é criação, é o real, mas lhe falta existência), estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p.16).

O virtual não se opõe ao real, mas ao atual, uma situação que requer reconfiguração de um problema atual que precisar ser resolvido. “A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (Lévy, 1996, p. 29). Assim, a atualização tem como finalidade dispor de uma nova configuração para um problema/solução criada para resolver uma situação específica. Em outros termos, uma nova configuração de mundo requer o surgimento de uma nova adequação (atualização) das esferas, instituições, relações que se manifestam no mundo comum.

Como consequência do processo das revoluções proporcionadas pelas tecnologias da informação, da ciência e da tecnologia, Lèvy (2001) considera que vivemos em uma época da ascensão da conexão planetária, o que sem sombra de dúvidas coloca a humanidade em patamar de dissolução das fronteiras entre países. A tendência de se tornar cada vez mais “cidadãos do mundo” nunca foram tão evidentes. Em nenhum outro momento da história as informações circularam tão rápidos no planeta, nunca viajamos tanto para partes mais distantes do mundo, no mundo virtual a desterritorialização já é uma realidade. Por fim, as novas técnicas de transportes e comunicação, novas formas de tecnologias, nos levarão, nas palavras do filósofo, a “unificação da humanidade”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

De acordo com a proposta, se conclui que a complexidade das sociedades atuais com suas novas formas de tecnologia e das relações intersubjetivas, proporcionou uma análise sobre as possibilidades de enfrentamento dos desafios colocados pelas inovações espaço-temporais frente a esses novos artifícios da comunicação. A contemporaneidade impõe uma nova forma de vida em todas as instâncias, seja na maneira de comunicar, conviver e pensar. A cada tempo surgem novas tendências, paradigmas e teorias.



Bauman se refere à modernidade líquida como o mundo fluído e instável no qual ocorre uma constante implosão de valores e padrões. No passado vivenciamos a fase sólida da modernidade regida pela racionalidade técnica e fundamentada no fortalecimento do Estado e da ciência. Em sentido próximo, Beck compreende a sociedade contemporânea composta de riscos, pois vivemos em um mundo de incertezas, fabricadas pelas inovações tecnológicas e decorrentes de um mundo cada vez mais globalizado.

A revolução tecnológica do século XX, culminado com o desenvolvimento, da informática, da microeletrônica e das formas de comunicação, fomentaram um processo de mudança de paradigma na sociedade contemporânea. Os computadores, sistemas de comunicação, programação, são todos, por assim dizer, “amplificadores da mente humana”. Assim, acarretam implicações decisivas nos contextos culturais/institucionais da ação social e humana, produzindo sua própria lógica, alterando, dessa forma, significativamente nossa forma de viver no mundo.

O computador muito mais do que uma ferramenta a ser utilizada com objetivo específico, possibilita aos usuários trocar, armazenar e interagir informação. Neste sentido, a conexão de computadores e expansão expressiva das redes sociais criaram espaços especificamente virtuais, comunidades, chats, portais, que em via de regra, possibilitam requerer direitos, se manifestar e participação em demandas sociais. Por outro lado, podem também enfraquecer o debate com aqueles que pensam de maneira distinta.

Por fim, cabe destacar que a revolução tecnológica permitiu ao humano alargar profundamente as possibilidades de seu conhecimento. O modelo de conhecimento por simulação, apesar de menos absoluto que o conhecimento teórico tradicional, é mais operatório, ligado às circunstâncias de seu uso, permite que o sujeito explore situações mais complexas, aumentando sua capacidade de imaginação e intuição e alterando profundamente a forma de compreender o conhecimento, surgindo aí um novo problema para a epistemologia.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre Passado e Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira Moral**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.



_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CHALMERS, Alan F. **O que é Ciência Afinal**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEMONS, André; LÈVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÈVY, Pierre. **A Conexão Planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora34, 2001.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **O que é Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (org). **Cultura Digital**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

STEIN, Ernildo. **A caminho de uma fundamentação pós-metafísica**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1997.